



Fonte: Museu Virtual Semana Arte Moderna

"O Pescador", 1925
Tarsila do Amaral

O Eu e o Id em tempos de excessos

Regina Lúcia Braga Mota
Analista didata da SPBsb



Alguns aspectos pontuais me chamaram a atenção neste momento em que estamos vivendo um tempo de excessos. A partir da clínica psicanalítica e da observação psicológica das pessoas, o contexto humano se revela agora bastante peculiar. Por causa da pandemia houve um excesso de restrições, o que foi muito difícil para muitos, excesso de isolamento e de solidão, gerando aumento de suicídios, alcoolismo, tabagismo e sedentarismo. Por outro lado, percebemos nos noticiários um excesso de agressividade, de assassinatos, estupros, feminicídios e mortes dentro das famílias de uma forma desenfreada. Podemos relacionar esses fatos à dinâmica entre o Eu e o Id, instâncias do aparelho psíquico.

O Id, reservatório da libido e das pulsões, conta com o ego, ou o Eu, como aquele negociador,

mediador, entre essas pulsões e o superego. O resultado dessa mediação vai definir como a pessoa vai agir nas circunstâncias atuais. Esta é a ideia central contida no texto do Freud de 1923, *O Ego e o Id*, que constitui a segunda tópica freudiana, entrelaçada com a primeira de 1900-1915, que trouxe a noção de consciente, pré-consciente e inconsciente.

O que suponho que esteja acontecendo neste momento é que o Id pede passagem, ou seja, o Id vem com todas as pulsões e, para quem não tem um Eu bem constituído, fica difícil mediar essas pulsões de agressividade, sexualidade, preconceitos, por identificação com nossos líderes. A política atual parece estar contribuindo com isso, com as armas liberadas e os clubes de tiro, assassinatos de indígenas e de indigenistas. Em contrapartida, vê-se um excesso do politicamente correto, palavras que podem ser ditas ou não, por serem consideradas preconceituosas, quando o superego se manifesta.

O texto do filósofo Byung-Chun Han (de 2010), *Sociedade do Cansaço*, acaba confluindo com o novo livro da Elizabeth Roudinesco, *O Eu Soberano*. Ambos tratam de excessos, sendo que o primeiro autor afirma que isso pode produzir um "infarto da alma", até por

excesso de positividade e a segunda descreve os excessos identitários.

O excesso de informação via internet, *lives*, *podcasts*, *fake news*, com todos opinando sobre tudo, pode gerar uma confusão mental, uma saturação e entupimento das vias que possam trazer um pensamento produtivo, mais diluído, para lidar com a frustração. Essa frustração pode ser mais bem suportada, segundo Freud e Klein, por aqueles que possuem um ego forte. Bion fala de um ego expandido.

O inconsciente e a pulsão de morte brotaram dos refúgios psicóticos e, como consequência, o Id passou ao ato, através de *actings out* graves e manifestações maníacas, contra o excesso de depressão e de repressão.

Percebi, na clínica, um excesso de sonhos, produzidos tanto pelos pacientes quanto pelos analistas, numa manifestação simbólica do inconsciente, já que as ações motoras e relacionais estavam paralisadas. Predominaram os sonhos de angústia e de realização de desejo, para elaborar o trauma da própria pandemia. Visto que os desejos não estavam podendo ser realizados, nos sonhos isso poderia acontecer, como um recurso alucinatório. A possibilidade de simbolizar

fez a diferença para que não se partisse para ações desenfreadas, mais primitivas.

A sublimação transcende à capacidade de simbolização. E, com isso, os que possuem melhores recursos internos puderam usar essa crise humanitária para criar soluções. Foram desenvolvidas outras formas de comércio pela internet e de comunicação. Nós analistas tivemos que nos reinventar, de uma forma que Freud nunca poderia imaginar. E as análises *on-line* foram bem-sucedidas.

Depressão, ansiedade e insônia, aumentaram muito, levando ao uso crescente de psicotrópicos. Idosos se queixando de perderem dois anos valiosos do término de suas vidas, quando poderiam estar viajando e socializando. Em contrapartida, a negação e o medo da depressão, em alguns casos, levaram a uma euforia de falar demais, de sair para comemorar, sem a proteção das máscaras, não medindo as consequências. O excesso de trabalho em casa também acarretou *burnouts*.

Muitos casais de namorados resolveram morar juntos, se isolando dos outros. Porque assim eles poderiam conviver intimamente, já que os outros é que poderiam gerar contágio e não eles próprios. O outro, ou o estranho, passou a ser fonte de perigo.

Quem morava sozinho teve que se haver muito profundamente com sua solidão, se comunicando através de mensagens de vídeo ou de áudio. Ao mesmo tempo criou-se a suposição de uma autossuficiência.

Bion fala que o encontro entre

duas pessoas proporciona muita angústia, uma tempestade emocional, uma mudança catastrófica e muitos usaram a pandemia para se afastar cada vez mais dos outros, como uma defesa psíquica. Fugindo dessa realidade e evitando esses encontros, com o excesso de isolamento, houve um excesso de descuido físico. No novo normal, surgiu uma preguiça, um cansaço para comparecer a eventos presenciais. A acomodação em casa com os eventos virtuais teve o efeito de agora as pessoas desejarem continuar *on-line* para sempre.

As aulas e supervisões *on-line* mantiveram as nossas formações, mesmo percebendo que a comunicação passou a ser mais formal, sem a efervescência do encontro ao vivo. Considero que os seminários presenciais apresentam características peculiares de fenômenos de grupo, que são mais difíceis de serem detectadas no modo virtual. O mesmo acontece com as análises virtuais. Penso que o divã é insubstituível, bem como a observação dos movimentos gestuais do corpo do paciente desde a entrada no consultório.

Espero que voltemos a essa modalidade, mesmo que de forma híbrida. Estamos saturados das telas de computador e de celular, atendendo o dia inteiro com este foco. Mas reuniões, palestras e conferências com participantes de outras regiões e de outros países devem continuar, pois constituíram um ganho espetacular durante a pandemia.

Com as livrarias fechadas, houve um excesso de impressões eletrônicas, digitais, recursos muito importantes, bem como

a possibilidade de se comprar livros via internet. Considero, no entanto, que nada substitui o prazer de folhear um livro impresso no papel, uma ida a uma livraria, passando entre as estantes e deparando-nos com surpresas infinitas. Entendo que devem existir as duas opções tanto em livros quanto em periódicos.

Enfim, os opostos coexistem, pessoas desanimadas, deprimidas, que não conseguem trabalhar e algumas produzindo até excessivamente, como uma compensação. Um excesso de gente que quer se encontrar enquanto outros estão com medo de conviver presencialmente, funcionando de uma maneira esquizoide, se mantendo dentro de seus casulos, protegidos.

Diante desse complexo panorama vivido por nós, no ritmo incessante de várias abas abertas e da informação que pulula a nossos olhos, percebo que, nas nossas instituições, provocou-se um movimento semelhante.

Os diferentes modelos de formação têm sido discutidos por décadas em muitas sociedades do mundo. Mas, atualmente, protegidos pela virtualidade, corremos o risco de nos lançarmos na rigidez belicosa do conflito. Na cesura que finda o diálogo e impede o nascedouro.

Sabemos que ritos de passagem sempre existiram desde os primórdios da civilização, como elementos estruturais para sua organização. Esses carregam uma história, mas geram transformação.

Quanto à seleção de

pretendentes à formação, creio que os critérios têm que ser bem definidos. As pessoas devem ter condições psíquicas para serem psicanalistas, uma mente pensante, que também sofre e sente, mas com características para desempenhar esse difícil ofício de tornar dizível a dor nem-dizível, funda. O desejo por exercer esta atividade deve ser genuíno, e não movido por outros interesses.

Penso que simplificar o caminho na seleção, na progressão dentro da instituição e na qualidade do ensino deve ser uma solução muito pensada, pois é usada por todas as pseudoformações que proliferam a cada dia.

Preservar a essência da psicanálise e o legado de Freud, julgo indiscutível e primordial. Bem como manter a clínica psicanalítica viva.

Espero que as nossas Sociedades possam se manter sem excessos identificatórios, mas com nossa identidade e qualidade preservada. E que a criatividade possa ligar ao novo, o sedimento formativo dos anos de prática.

Notícia

SPBsb elege nova diretoria para o biênio 2023/2024

A Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb) elegeu, em assembleia-geral ordinária, realizada dia sete de dezembro de 2022, quarta-feira, sua nova diretoria, que dirigirá a instituição no biênio 2023/2024. A única chapa inscrita recebeu 44 votos favoráveis e quatro contrários.

A nova diretoria é composta pelos seguintes membros:

Presidente: Mirian Elisabeth Bender Ritter de Gregorio

Diretora científica: Ana Velia Vélez de Sánchez Osella

Diretor do Instituto: Carlos de Almeida Vieira

Diretor de Comunidade e Cultura: Carlos Wilson de Andrade Filho

Diretora de Comunicação e Divulgação: Helena Lopes Daltro Pontual

Tesoureira: Maria de Lourdes Zilli Guimarães

Secretária: Aurea Chagas Cerqueira

Em nota dirigida à SPBsb, A Febrapsi agradeceu o trabalho da diretoria anterior e saudou a que agora toma posse na SPBsb. Diz a nota:

“É com imensa satisfação que recebemos a comunicação da posse da nova Diretoria da Sociedade de Psicanálise de Brasília-SPBsb. Agradecemos à diretoria da gestão anterior e saudamos a nova diretoria eleita. Estamos certos de que formaremos uma ótima parceria em prol da Psicanálise.

Parabéns a todos e contem conosco!

Aproveitamos a oportunidade para pedir a indicação de um membro para compor a Assembleia de Delegados e outro para o Conselho Profissional.

Cordialmente,
Hemerson Ari Mendes
Presidente

Denise Zimpek Pereira
Secretária Geral”.

Presidente da SPBsb quer rever estatuto e ampliar intercâmbio da instituição

Mirian Ritter

Presidente da SPBsb, a partir de uma entrevista feita pelo BI



Convidada por Helena Pontual a escrever e responder algumas questões, descrevo e agradeço a oportunidade de estar novamente mais próxima da Sociedade de Psicanálise de Brasília, dos meus colegas e amigos e de contribuir como presidente.

Vamos à minha história procurando responder o que Helena Pontual pergunta.

Em 1983 decidi me inscrever para a formação de psicanálise. Na época, já estava em análise, brotava em mim um encantamento com a teoria freudiana e a experiência analítica. No curso de psicologia, em 1974, tive oportunidade de ser aluna dos primeiros analistas da denominada "Sede Brasília", filhote da Sociedade Brasileira de

Psicanálise de São Paulo.

Helena me pergunta sobre o local e data do meu nascimento.

Nasci num dia gelado, talvez o tenha vivido como o dia mais frio de todos os tempos. Na época, minha pequena vila estava envolta por uma grande seca, que fazia com que necessitássemos do auxílio do Arroio Capelinha.

Meu pai era o diretor da escola e, ao hastear a Bandeira Nacional, num sábado ao som do Hino Nacional, foi homenageado pelo nascimento de uma robusta menina, muito branca, com alguns fios de cabelos loiros, no meio oeste catarinense, que não passava de uma aldeia. Hoje, ao olhar uma foto panorâmica da época, observo que a população não passava de 500 habitantes, a maioria quase absoluta de imigrantes alemães e seus descendentes, que a partir de 1824 chegaram ao sul do Brasil para engrandecer a terra sulista.

Quanto à nossa Sociedade, posso afirmar que, ao chegar aos 70 anos de idade, sinto-me fortemente ligada aos meus mestres, aos primeiros analistas, aos fundadores da nossa sociedade, aos meus amigos e colegas, e com o desejo de conhecer novos colegas.

O convite para compor a chapa me surpreendeu. No momento estou envolta com a escrita

de um livro. Encerrei o meu consultório em 2017, mas permaneci na sociedade com um profundo sentimento de gratidão.

Meu desejo é cuidar da sociedade com a mente aberta para o novo, diferente e especial. Sou voltada para a clínica e me considero intuitiva e criativa.

Sobre alguns pontos específicos das perguntas que me foram feitas, gostaria de desenvolver. Em primeiro lugar, será preciso revisão e atualização do nosso estatuto; em segundo lugar, se a pandemia permitir, restabelecer as atividades do Instituto de nossa Sociedade de forma presencial. Precisamos nos encontrar. Em terceiro lugar, acho que seria importante ampliar o intercâmbio com outros grupos não pertencentes à IPA. Em quarto lugar, ver a possibilidade de termos novamente convidados, financiados pela IPA e pela FEPAL, o que me parece enriquecedor. Em quinto lugar, penso que deve haver encontros de congraçamento. É o que me ocorre neste momento, sou recém-chegada.

Quanto ao que a Sociedade pode fazer para minorar o sofrimento dos menos favorecidos, destaco que a nossa sociedade tem feito, há muitos anos, eficientes programas de atendimento

à comunidade por meio do CENAPP e da rede solidária, que iniciou seus atendimentos durante a pandemia.

Posso falar que pude fazer um trabalho voluntário durante 17 anos na unidade de psiquiatria com residentes do Hospital de Base e do Hospital das Forças Armadas (HFA), bem como com visitantes do sexto ano de medicina da UnB. Acredito que pode haver uma multiplicação quando há, verdadeiramente, empenho num projeto.

Que possamos ter uma boa administração da nossa sociedade, promovendo desenvolvimento sem esquecer das nossas raízes.

Para finalizar, como disse o nosso colega Avelino Neto, "há um dito popular que beira à pieguice, mas tem aqui suas implicações: Quem ama cuida!". E não cuida amanhã, posso acrescentar, mas vai cuidando em andante". Eu me identifico muito com este dito e com o quem foi acrescentado, pois essa foi a minha trajetória com a minha Sociedade de Psicanálise de Brasília: cuidando e andando.

Artigo

Diretoria teve vasta programação de seminários e cursos

Lúcia Passarinho

Presidente da SPBSb - gestão 2021/2022



Chegamos ao fim da nossa gestão. Foram dois anos atípicos, marcados pela pandemia e polarização política, pelo confinamento e por momentos intensos em que o exercício da continência e da tolerância se fizeram necessários. Manifestações de apoio participativo dos colegas foram muito importantes e nos motivaram a seguir com afinco e determinação.

As Diretorias Científica e de Comunidade e Cultura proporcionaram uma rica programação de seminários e cursos, ministrados por colegas das SBPSP e SBPRJ e de Brasília, além dos eventos voltados para a nossa comunidade. A exemplo das clínicas sociais de Freud, o atendimento psicanalítico solidário ganhou espaço e

reuniu um grupo criativo, comprometido com a ética da responsabilidade social, com a discussão clínica e o estudo da psicanálise.

O Cenapp proporcionou rodas de conversas estimulantes e facilitadoras do diálogo entre os membros do instituto e da sociedade. Os membros do Cenapp-2020/2022, encerrarão a gestão, disponibilizando aos membros do Instituto e da Sociedade de Brasília, inscritos para receber pacientes da clínica social, um novo sistema de encaminhamento de pacientes, parametrizado segundo as regras da Lei de Proteção de Dados - LGPD.

Criamos a Diretoria de Comunicação e Divulgação, responsável por dinamizar o diálogo entre a sociedade e a comunidade, publicar o Boletim Informativo da SPBSb e o Jornal Associação Livre, e que também contribuiu na elaboração de textos e informes da diretoria junto à IPA e à mídia.

Para comemorar os cinquenta anos da SPBSb havíamos planejado um jantar e um concerto da orquestra sinfônica de Brasília em honra da nossa fundadora,

que em função da pandemia foram cancelados. Mas, os depoimentos amorosos e históricos dos colegas, durante a reunião *on-line*, garantiram o brilho do encontro. Na ocasião, concedemos o título de Membro Honorário aos colegas que participaram ativamente para a criação e crescimento da nossa SPBsb.

Fomos convocados a colocar em pauta a discussão de temas sensíveis e difíceis, que já estavam sendo pensados pela IPA e demais sociedades federadas, tais como: ações afirmativas e a manifestação em defesa do Estado democrático de Direito e, conseqüentemente, do nosso ofício, pois a democracia é o único ambiente em que a psicanálise encontra condições de existir e prosperar. A exemplo de Freud, pensamos que a liberdade de existência, pensamento e expressão são primordiais para o desenvolvimento civilizatório, para a realização do indivíduo e da coletividade. Mantivemos nossas convicções distanciadadas da política partidária, pois a nossa gestão sempre esteve a serviço da psicanálise. As conversas de cunho político partidário estiverem restritas ao grupo de membros do WhatsApp (local apropriado para a conversa informal e dos afetos compartilhados).

Mantivemos presença participativa no Conselho de presidentes. Esse grupo se mostrou unido e organizado na defesa dos interesses das federadas junto à IPA.

As finanças da SPBsb permanecem saudáveis. Conseguimos fechar a gestão sem aumentar a mensalidade. Embora vivendo um período de

economia instável e de retorno da inflação, garantimos reservas para qualquer eventualidade.

A realização da primeira parte da Jornada Interna foi bastante produtiva. Pudemos conversar sobre a nossa Sociedade como uma instituição cidadã, que entende o seu papel e a sua relevância na preservação das nossas tradições, mas também atenta às exigências e demandas da nossa época.

Percebemos a necessidade de aprimorar o processo seletivo, no sentido de integrar a avaliação subjetiva e objetiva, com o intuito de evitarmos equívocos e injustiças.

Pensamos que a implantação de políticas afirmativas enriqueceria o nosso universo e daria possibilidade da entrada de talentos que se não fosse por uma política de cotas, jamais teriam acesso à formação.

É vital para a nossa sociedade entender as causas da imobilidade funcional de egressos e associados, o que justifica a necessidade de realizar um diagnóstico grupal para melhor entender as raízes dessa

questão e criar mecanismos de transformação, pois nossa instituição depende dos seus membros titulares e didatas para ocuparem os espaços determinados pelo Estatuto. Encerramos a nossa gestão com o sentimento pleno de dever cumprido. Fizemos o que o tempo e as circunstâncias nos permitiram. Nossa equipe seguiu unida e pautamos o nosso trabalho pela amorosidade entre os membros da equipe. O objetivo comum de contribuir para com a nossa sociedade e o amor pela psicanálise transformaram a nossa jornada numa experiência mais leve. Seja bem-vinda a nova diretoria e contem conosco no que precisarem. Abraçamos a cada um de vocês que estiveram conosco e agradeço, com todo reconhecimento e gratidão, o empenho, o comprometimento e a lealdade das nossas competentes secretárias, Lannusa e Flávia.



O psicanalista e o mal estar na atualidade

Aurea Chagas Cerqueira
Membro associada da SBPsb



Freud inaugurou seu grande empreendimento, a Psicanálise, pouco tempo depois de completar quarenta anos, tendo enfrentado inúmeras resistências por parte da conservadora sociedade vienense à época. Aproximadamente quinze anos depois, testemunhou a eclosão da 1ª. guerra mundial (1914-1918), a qual deixou um rastro de destruição e uma geração de pessoas traumatizadas, em função do evento vivenciado. Pouco antes de morrer, se deparou com o início da 2ª. guerra mundial (1939-1945), a qual o impeliu a deixar a Áustria, em busca de refúgio em Londres. Apesar de tudo, esses acontecimentos da história da Psicanálise nos dão notícias de um Freud incansável, ávido por conhecer o funcionamento da mente e por deixar ao mundo um legado. Nas palavras dele, costumava se referir a si mesmo como "(...) Não sou senão um

conquistador por temperamento, um aventureiro, se você quiser traduzir o termo, com toda a natureza indagadora, a ousadia e a tenacidade de um tal indivíduo" (GAY, 1989)¹.

A psicanálise foi concebida a partir da ousadia e da tenacidade de um desbravador, o qual, a despeito das dificuldades enfrentadas, soube extrair de si próprio, e da dura realidade do contexto social, político e econômico no qual vivia, o material necessário para essa construção.

Vivemos a atualidade do século XXI num contexto sociopolítico muito diferente daquele experimentado por Freud. Entretanto, do ponto de vista das expressões psicológicas humanas, profundamente semelhante. Nos últimos tempos, dentre inúmeros outros, um novo mal-estar vem nos provocando assombro: o que se refere à brutalidade das manifestações de ódio e destrutividade de parte da população do país, diante do recrudescimento de ideologias totalitárias, com evidente inclinação para o exercício de um autoritarismo perverso e dominante.

Nesse contexto, estamos nós, psicanalistas, buscando nos manter num exercício permanente de protagonismo, apesar de nossos mal-estares, provenientes de tantos

assombros. Não estamos em guerra, como as que foram testemunhadas por Freud, mas é bem provável que, como humanidade, tenhamos que continuar a conviver com circunstâncias difíceis, de tempos em tempos. De modo mais amplo, a história parece girar num movimento cíclico, com repetição de cenas anteriormente já vividas.

E é fato, como Freud já indicava, que cada um de nós traz, ao nascer, um potencial de agressividade inato, que precisa passar pelo crucial trabalho da cultura, a fim de possibilitar nossa convivência em sociedade. Este me parece ser um dos protagonismos possíveis da nossa função como psicanalistas, o de manter nossas ações voltadas a serviço de Eros, visando contribuir para algum destino possível para a humanidade. Parodiando um político irlandês do século XIX, John Philpot Curran, é possível afirmar que "o preço de algum bem-estar é a eterna vigilância do processo civilizatório".

Referências:

¹ GAY, P. Freud: Uma vida para o nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Crise do clima é desafio para o planeta e a paz global

Malu Gastal
Membro associada da SBPsb



Numa tirinha da década de 60 ou 70, Mafalda sonha em trabalhar na ONU como intérprete quando adulta, para converter ofensas em gentilezas, ao traduzir os diálogos entre líderes mundiais. Preocupada, pede ao planeta que sobreviva até ela chegar à idade adulta e ao trabalho sonhado.

Não deve estar sendo fácil a vida de Mafalda como intérprete da paz, num mundo que parece não aprender com seus erros. Em novembro, tivemos, no Egito, a 27ª Conferência das Partes da Convenção sobre o Clima. O clima não era de otimismo ou de

tranquilidade, a começar pelo fato de que essa Conferência, como a anterior, ocorreu um ano depois do previsto, por conta da pandemia de COVID-19. Além disso, pouco se avançou. As nações ricas ainda não entregaram seu compromisso firmado no Fundo Verde, em 2009, de US\$ 100 bilhões/ano para ações que impeçam o desmatamento.

Desde a assinatura do acordo original, na Rio-92, as Conferências das Partes, anuais, buscam definir metas para enfrentar o desafio global das mudanças climáticas, reduzindo a emissão dos gases de efeito estufa. Da COP-3, em 1997, resultou o Protocolo de Kyoto, que estabeleceu metas de redução para gases de efeito estufa apenas para os países desenvolvidos. Os Estados Unidos não ratificaram o acordo, cuja entrada em vigor estava condicionada à ratificação de 55 países que somassem 55% das emissões globais, o que só ocorreu só em 2005. Não



só isso: abandonou o acordo em 2001. O Protocolo de Paris, produzido em 2015, teve a adesão de 190 países, inclusive dos maiores emissores de gases de efeito estufa: EUA (que se retirou do acordo durante o governo de Trump, mas retornou depois) e China. Nas COPs, os países também buscam estratégias concretas para financiar ações que revertam a catástrofe climática que deu sinais inequívocos de sua chegada em 2021 e 2022, com desastres ambientais de grandes proporções na Alemanha, Paquistão e Brasil, dentre outros países. Mas, a despeito dos esforços de Mafalda, muito se promete, pouco se alcança e menos se financia.

Enquanto o mundo parece acabar, continuamos nos comportando como se tudo seguisse na mais perfeita normalidade. Consumimos desenfreadamente, queimando petróleo e gás como se esses recursos fossem infinitos e não provocassem o aquecimento da atmosfera, desmatando para plantar soja que alimenta gado de corte, apostando nossas fichas em que a ciência, a mesma que foi vilipendiada durante a pandemia de COVID-19, encontrará uma saída para a crise climática. Isso quando a ciência não é atacada pela negação da crise climática.

As previsões são sombrias: desastres ecológicos provocam o deslocamento, em média, de 24 milhões de pessoas por ano e deverão forçar o deslocamento de 1,2 bilhão de pessoas até 2050. Mais de 60% dos países que enfrentam ameaças climáticas são mais suscetíveis a guerras, mostrando que a crise do clima representa enorme

desafio ao desenvolvimento e à paz global.

Durante a conferência, pela primeira vez, foi discutida oficialmente a compensação financeira para os países vulneráveis, talvez a pauta mais importante da COP 27. Visa compensar não apenas dos prejuízos materiais, mas também de vidas e culturas destruídas em decorrência da crise climática. A conferência trouxe outro marco importante: o retorno do Brasil ao cenário de negociações. O presidente eleito Lula apontou para a impossibilidade de combater a crise climática sem combater a pobreza e a desigualdade no mundo, propondo uma ação global contra a fome; cobrou dos países ricos o cumprimento de seus compromissos; enfatizou o papel das populações originárias para a conservação da Amazônia; chamou o agronegócio para cooperar. Lula enfatizou que não conseguiremos enfrentar a tragédia climática sem uma ação global coordenada e que a Amazônia, chamada por Eliane Brum de “centro do mundo”, é fundamental nessa tarefa por sua enorme biodiversidade, papel no regime climático mundial e pelo conhecimento dos povos originários que abriga. Essa importância dos povos do sul foi traduzida na presença marcante de lideranças indígenas junto ao futuro presidente.

Qual o lugar e o papel da psicanálise nesse contexto de crise? A gravura do artista uruguaio Joaquin Torres Garcia, de 1943, me inspira. Nela, a América do Sul aparece invertida em relação à representação convencional, indicando que – em primeiro lugar – não faz sentido falar em “acima

e abaixo”, já que a Terra está solta no espaço, e é somente por convenção (europeia) que ficamos “do lado de baixo do Equador”. Mas também significa que o sul do mundo é nosso norte, nosso caminho, e cada vez mais fica evidente que deverá sê-lo também para o resto da humanidade. Como diz o texto do artista que acompanha a gravura, “nuestro nuerte es el sur”. É nele que se concentra a maior biodiversidade do planeta e os conhecimentos originários sobre ela. É nele que diferentes culturas e etnias produziram inúmeras formas de estar no mundo.

A noção de “sul” é ampliada, na sociologia, por Boaventura de Souza Santos, que assinala que “(...) o colonialismo, para além de todas as dominações porque é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizados. As epistemologias do sul são o conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam essa supressão, valorizam os saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos. A esse diálogo entre saberes chamamos ecologias dos saberes” (p.13).

Se estivesse conosco, Freud provavelmente pensaria a crise climática, talvez interessado pelas culturas do sul, quem sabe abrindo um diálogo da psicanálise com as epistemologias do sul, inexistentes em sua época, que apontam para caminhos mais ricos e complexos do que aqueles descritos pelas

antropologias e arqueologia de sua época. A psicanálise contemporânea, em especial a psicanálise do sul, precisa se aliar a este esforço de diálogo honesto e horizontal com essas culturas, porque nossa subjetividade do sul é fruto de relações sociais, históricas e culturais próprias. E porque, como seu fundador, a psicanálise não pode se privar a pensar as crises humanas e as epistemologias do sul estão empenhadas em pensar uma saída.

A IPA já reconheceu essa necessidade. O Comitê de Clima e Psicanálise, criado em 2019, tem provocado a comunidade de psicanalistas, ao sul e ao norte do mundo, a pensar nos impactos da crise sobre a clínica e a contribuição da psicanálise para construir saídas para a crise, estimulando pesquisas sobre o tema e promovendo um diálogo com campos de conhecimento comuns. É só o começo de um longo caminho que, afinal, começa se fazer com uma bússola que busca novos destinos ao apontar para o sul – o novo norte do mundo.

Referências:

<https://veja.abril.com.br/mundo/crise-climatica-forcara-deslocamento-de-12-bilhao-de-pessoas-ate-2050/>, 2021. Acesso em 20/11/22

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010b.

Artigo

Trabalho desenvolvido pela Diretoria Científica

Daniela Yglesias de Castro Prieto
Diretora científica da SPBSb - gestão 2021/2022



A missão da Diretoria Científica é promover o desenvolvimento científico dos membros da Sociedade e do Instituto por meio de eventos científicos, cursos e grupos de estudos, fomentando a troca de ideias e experiências, enriquecendo a nossa vida societária com o fomento à apresentação de trabalhos. No que se refere aos eventos científicos nos anos de 2021 a 2022, esses se constituíram, principalmente, em videoconferências caracterizadas por palestras seguidas de debates no estilo de roda de conversa, em uma lógica de maior horizontalidade.

Somos um coletivo de psicanalistas organizados segundo os preceitos da International Psychoanalytical Association. Em uma atividade científica no Congresso da IPA

em Praga, no ano de 2012, Stefano Bolognini defendeu que o psicanalista deve ter uma espécie de caixa de ferramentas em que se utiliza de diferentes arcabouços teóricos de acordo com a necessidade clínica. Em consonância com essa ideia, Renato Mezan, em seu livro *O tronco e os ramos*, defende que Freud foi um grande dispersor de sementes, o que possibilitou o desenvolvimento de diferentes escolas psicanalíticas que estão baseadas em diferentes matrizes clínicas. Nesse sentido, diferentes eventos foram delineados para podermos ter contato com o legado de autores clássicos em psicanálise como William Fairbairn, Sandor Ferenczi, André Green, Virgínia Bicudo e Fábio Hermann.

Tivemos o prazer de ouvir nos eventos científicos psicanalistas da nossa Sociedade e de outras unidades associadas à Febrapsi, entre eles: Ana Maria Loffredo, Marion Minerbo, Joyce Goldstein, Bernard Miodownik, Luciana Saddi, Leda Barone, Magda Khouri, Denise Goldfajn, Ignácio Paim, Daniel Delouya, Zelig Libermann. Tivemos ainda convidados de unidades da IPA como Luis Martins Cabré da Sociedade da Espanha e Fernando Urribarri da Sociedade da Argentina. No que se refere a trabalhos de

colegas da Sociedade, tivemos a apresentação de Sylvain Levy, Keyla Vale, Cintia Xavier de Albuquerque, Almira Rodrigues, Carlos Vieira, Paola Amendoeira, Avelino Netto, Marcio Carvalho, Regina Motta, José Vieira Nepomuceno, Tereza Lírio, Maria de Lourdes Teodoro e Maria Luiza Gastal. Em se tratando de psicanalistas brasileiros não associados à Febrapsi, tivemos apresentações de Luís Cláudio Figueiredo, Nelson Ernesto Coelho Júnior e Jô Gondar.

É sempre com muito prazer que ouvimos a apresentação de trabalhos teórico-clínicos para passagem a membro associado da nossa Sociedade. Tivemos a apresentação nos últimos dois anos de trabalhos de Carlos Wilson Andrade Filho, Renata Arouca, Veridiana Canezin Guimarães, Aurea Cerqueira e Roniere do Amaral. Em se tratando de exercícios clínicos, tivemos apresentação dos membros do Instituto: Fernanda Lacerda e Leonardo Onofre. Oferecemos curso Teoria dos Campos para os membros da Sociedade e do Instituto. Restaram demandas por curso de letramento antirracistas e de aprofundamento na obra de Donald Winnicott. Fica o desafio para a próxima gestão. Agradeço aos colegas o apoio e participação nos eventos.

Congresso

“O Eu com o Isso: afetos em emergência”

Helena Daltro Pontual
Membro associada da SPBsb e da SBPSP



Esse é o tema do 29º Congresso Brasileiro de Psicanálise, a ser realizado entre os dias um e quatro de novembro de 2023, no Centro de Convenções do Royal Palm Hall, em Campinas (SP). O tema remete à comemoração do centenário de *O Eu e o Id*, de Sigmund Freud (1923), e a proposta é expandir a segunda tópica freudiana e pensar sobre o lugar da psicanálise na contemporaneidade, segundo Ronis Magdaleno Júnior, presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCamp).

O tema também é importante para os psicanalistas pensarem na questão do superego nessa época de tensões políticas e catástrofes diversas que estamos vivendo, enfatizou Ronis, e permite discussões interdisciplinares da psicanálise com a sociologia, a política, a ética e a lei. “Estamos num processo de expansão do conhecimento, e esse congresso também será um momento de reencontro, o primeiro presencial depois da pandemia, o que é muito animador”.

O presidente da SBPCamp disse que espera contar com grande número de participantes, por volta de 1.500 inscritos. Informou ainda que haverá diversas atividades culturais durante o evento, com apresentações de música, orquestras, artistas locais e de obras do compositor Carlos Gomes – autor de óperas como *O Guarani* –, que nasceu em Campinas, em 1936, e morreu em Belém, em 1896.

Esse será o primeiro Congresso Brasileiro da Febrapsi sediado em Campinas, cuja Sociedade foi instituída em junho de 2020, pela IPA.

Impactos de fatos traumáticos é tema do Congresso da IPA

Helena Daltro Pontual
Membro associada da SPBsb e da SBPSP



“Mind in the line of fire” (Mente na linha de fogo) é o tema do 53º Congresso da IPA a ser realizado em Cartagena, Colômbia, no período de 26 a 29 de julho de 2023, de forma presencial. Na ocasião, também haverá a 27ª Conferência da IPSO.

O objetivo do programa do Congresso – publicado no *site* da IPA – é desenvolver ainda mais a teoria psicanalítica, tanto na influência do indivíduo sobre o coletivo, quanto sobre o impacto do contexto social no indivíduo e no coletivo. O tema não poderia ser mais instigante, numa época em que as desigualdades sociais aumentaram violentamente durante a pandemia do coronavírus, agravando problemas como pobreza, violência, imigração forçada, racismo, tráfico humano e sexual.

Outras questões graves como mudanças climáticas, aumento de dependência química e feminicídio também fazem parte do que os organizadores do Congresso chamam de “tempestade perfeita de trauma internacional”. Destacaram ainda ocorrências traumáticas de genocídio, tiroteios e agressões compartilhadas nas mídias sociais e vivenciadas por pacientes, famílias, amigos e colegas.

As perguntas básicas para este congresso são:

Como as perspectivas psicanalíticas e sociais se cruzam? e como nosso método e técnica foram afetados por toda essa realidade? Psicanalistas e pacientes, movidos pelo processo psicanalítico, costumam trabalhar com a mente na linha de fogo. Por esse motivo, outras perguntas também se fazem presentes: É diferente em tempos de pandemia? Ou no trabalho com pessoas em situações extremas? Ou com adolescentes? Ou em um mundo com a cultura do narcisismo?

Os organizadores convidam os psicanalistas para compartilharem suas experiências nos últimos três anos com as lentes da psicanálise, com apresentação de artigos, painéis, palestras, filmes, modelos comunitários, pôsteres e discussões em pequenos grupos, como é de praxe.

O Comitê do Programa do Congresso é composto por: Adrienne Harris, presidente; Harvey Schwartz, copresidente, América do Norte; Ruggero Levy, copresidente, América Latina; Claudia Spadazzi, copresidente, Europa; Florencia Biotti, vice-presidente da IPSO para a América Latina; Adriana Prengler, ex officio, vice-presidente da IPA; e Karina Gutierrez, Gerente de Eventos da IPA.

CURSOS E GRUPOS DE ESTUDOS

Grupo de estudos preparatórios - Congresso de Psicanalistas de Língua Francesa

Coordenação: Sílvia Helena Heimbürger
Um sábado por mês - 16h

Grupo de Estudos - Psicanálise vincular: Casal e Família

Coordenação: Nize Nascimento
Encontros quinzenais - Quartas-feiras - 19h

Grupo de Estudos - Sexualidade e Gênero - Cowap-SPBsb

Coordenação: Almira Rodrigues
Uma quarta-feira por mês - 20h30

Curso - Formação de Psicanalistas de Crianças e Adolescentes

Coordenação: Maria Sílvia R. M. Valladares
Quartas-feiras e sextas-feiras

Curso de Extensão - Obras de Clarice Lispector

Coordenação: Carlos de Almeida Vieira
1º sábado do mês - 15h

AGENDA NACIONAL E INTERNACIONAL

Cultura & Psicanálise: entre as artes moderna e contemporânea

17 de dezembro de 2022 – *on-line*
SBPSP
Informações: [clique aqui](#)

Psicanálise e Arte em Sessão

28 de dezembro de 2022 – *on-line*
SPFOR
Informações: [clique aqui](#)

VI Bienal de Psicanálise e Cultura

18, 19 e 20 de maio de 2023 - híbrido
SBPRB
Informações: [clique aqui](#)

CORPO DIRETIVO SPBsb

DIRETORIA

Presidente: Mirian Elisabeth Bender Ritter de Gregório
Diretora Científica: Ana Velia Vélez de Sánchez Osella
Secretária: Aurea Chagas Cerqueira
Tesoureira: Maria de Lourdes Zilli Guimarães
Diretor do Instituto: Carlos de Almeida Vieira
Diretor de Comunidade e Cultura: Carlos Wilson de Andrade Filho
Diretoria de Comunicação e Divulgação: Helena Lopes Daltró Pontual

BIBLIOTECA: Aurea Chagas Cerqueira

CENAPP - CENTRO DE ATENDIMENTO E PESQUISA EM PSICANÁLISE

Coordenação geral: Nize Nascimento
Coordenação subcomissões: Vanderli Frare
Subcomissão Assuntos Administrativos: Nize Nascimento e Vanderli Frare
Subcomissão de Encaminhamento: Jória Cristian Santos e Marina Reifschneider
Subcomissão de Divulgação: Flávia Braga e Ségismar Pereira
Subcomissão de Pesquisa: Nize Nascimento e Vanderli Frare

DIRETORIA DE COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Diretora: Helena Daltró Pontual (editora do Boletim Informativo)
Membro: Paola Amendoeira (editora do Jornal Associação Livre)

COMISSÃO DE ENSINO

Carlos de Almeida Vieira (coordenador), Sílvia Helena Heimbürger, Líliana Dutra de Moraes

COMISSÃO DE PSICANÁLISE VINCULAR: FAMÍLIA E CASAL

Coordenadora: Lúcia Eugênia Velloso Passarinho
Membros: Ana Velia Vélez de Sánchez Osella, Lúcia Eugênia Velloso Passarinho, Maria José Miguel e Nize Nascimento

COMISSÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Coordenação: Adriana de Souza Brill
Membros: Ana Velia Vélez, Carlos César Marques Frausino, Erika Reimann, Luciano Antunes

CONSELHO DE DIDATAS

Avelino Neto, Carlos de Almeida Vieira, José Nepomuceno Filho, Márcio Nunes de Carvalho, Maria de Fátima Malva, Regina Lúcia Braga Mota, Roberto Calil Jabur, Ronaldo M. de Oliveira Castro, Sílvia Helena Heimbürger e Tito Nícias Teixeira da Silva

CONSELHO DE ÉTICA

Efetivos: Cláudia Carneiro, Maria Nilza Campos e Cíntia Xavier de Albuquerque
Suplentes: Almira Rodrigues, Sancha Benvindo Lopes e Sylvain Nahum Levy

REVISTA ALTER

Veridiana Canezin Guimarães (editora)
Carlos Wilson de Andrade Filho (coeditor)

SETOR DE PSICANÁLISE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Maria Sílvia R. M. Valladares (coordenadora)

EXPEDIENTE

Boletim Informativo da SPBsb - edição trimestral
Editora responsável: Helena Daltró Pontual
Editoração: Lannusa Castro

Sociedade de Psicanálise de Brasília SPBsb
SHIS QJ 09 Bl. E-1 sala 105 - 71625-175
Brasília-DF - (61) 3248-2309 - spbsb@spbsb.org.br - spbsb.org.br